

Artigos

Desafios e perspectivas na orientação de dissertações e monografias nas universidades moçambicanas: um estudo na província de Gaza

*António Ernesto Mutumane**
*Alfeu Paulo Bila***

Resumo

Este estudo analisa os desafios enfrentados no processo de orientação de dissertações e monografias nas universidades moçambicanas, com foco na Província de Gaza. A pesquisa, de natureza qualitativa, descritiva e interpretativa, baseou-se em revisão bibliográfica e 400 entrevistas semiestruturadas com docentes e estudantes de seis instituições de ensino superior (três públicas e três privadas). Os resultados revelam problemas estruturais e relacionais, como escassez de recursos, sobrecarga dos orientadores, comunicação ineficaz, fraca inserção internacional e ausência de critérios rigorosos para seleção de orientadores. Além disso, apontam para a exclusão dos estudantes na escolha de orientadores e temas, afectando sua autonomia e engajamento. Práticas autoritárias e falta de feedback comprometem a formação ética e científica dos discentes. O estudo propõe medidas como capacitação contínua, exigência de publicações relevantes para atuação como orientador, incentivo à ética académica, criação de canais de denúncia de má conduta e fortalecimento dos repositórios institucionais. Deduziu-se que há necessidade urgente de reformas institucionais e culturais baseadas em princípios de integridade, diálogo e excelência académica, com vistas a melhorar a qualidade da orientação e fortalecer o ensino superior em Moçambique.

Palavras chaves: Ensino superior. Orientação de dissertações e monografias. Autonomia. Feedbacks.

Challenges and perspectives in the supervision of dissertations and monographs in Mozambican universities: a study in the province of Gaza

Abstract

This study analyzes the challenges faced in the process of guiding dissertations and monographs at Mozambican universities, with a focus on the Province of Gaza. The research is qualitative, descriptive, and interpretive in nature, and it was conducted through a literature review and 400 semi-structured interviews with teachers and students from six higher education institutions (three public and three private). The results reveal both structural and relational problems. Among the structural challenges are the scarcity of resources, the overload of advisors, weak international integration, and the absence of rigorous criteria for selecting supervisors. Relational issues include ineffective communication between advisors and advisees, the exclusion of students from the selection of advisors and research topics, which negatively affects their autonomy and engagement, and the prevalence of

authoritarian practices and lack of feedback, which compromise the ethical and scientific development of students. In response to these issues, the study proposes several measures: continuous training for supervisors; the requirement of relevant academic publications as a prerequisite for supervision; the promotion of academic ethics; the creation of reporting channels for misconduct; and the strengthening of institutional repositories. The study concludes that there is an urgent need for both institutional and cultural reforms, grounded in the principles of integrity, dialogue, and academic excellence. These reforms are essential to improve the quality of academic supervision and to strengthen higher education in Mozambique.

Keywords: Higher education. Supervision of dissertations and monographs. Autonomy. Feedbacks.

* Mestrando em Administração Pública pela Universidade Save - Moçambique. E-mail: antoniomutumane51@gmail.com

** Mestrando em Administração Pública pela Universidade Save - Moçambique. E-mail: alfeupaulo2@gmail.com

O ensino superior em Moçambique tem experimentado um crescimento notável, com um aumento significativo no número de instituições de ensino superior e de estudantes matriculados. Este avanço representa uma conquista estratégica para o desenvolvimento nacional, ao contribuir para a expansão da formação de quadros qualificados.

Nesse contexto, o Plano Estratégico da Educação (2020-2029), apresenta seis objetivos estratégicos do Ensino Superior, que são: Promover a expansão e o acesso equitativo ao Ensino Superior com padrões internacionais de qualidade; Melhorar a capacidade institucional no domínio da gestão e democraticidade das instituições de ensino superior (IES); Melhorar o financiamento para o funcionamento e estabelecimento de infra estruturas adequadas para actividades académicas; Assegurar a eficiência na concepção e aplicação da governação, fiscalização e regulação do Ensino Superior; Promover atividades sistemáticas e a excelência na investigação, ensino, extensão, prestação de serviços e nas ações transversais; Garantir o alargamento e aprofundamento da internacionalização e da integração regional.

Não obstante, o crescimento quantitativo que as Universidades apresentam, levanta-se questões importantes sobre a qualidade da educação e a preparação dos graduados para as exigências do mercado de trabalho. Neste contexto, entende-se que a orientação de dissertações e monografias assumem um papel crucial na formação académica dos estudantes e na produção de conhecimento relevante para os diversos sectores da sociedade.

Nesse sentido, tanto a Lei no 1/2023 de 17 de Março na alínea a), b), c), i) e n) do artigo 5, como o Plano Estratégico da Educação (2020-2029), estabelecem os objectivos do ensino superior em Moçambique, reconhecendo o programa de Pós-graduação como sendo fundamental para a construção da soberania científica e para a formação de quadros altamente qualificados. Nesta senda, entende-se que a pós-graduação constitui-se como um instrumento estratégico para ultrapassar a reprodução mecânica do conhecimento herdado da formação de graduação, consolidando-se como um espaço privilegiado para a produção científica, a autonomia intelectual e o fortalecimento das capacidades nacionais de investigação.

Este artigo busca analisar os desafios enfrentados na orientação de dissertações e monografias nas universidades moçambicanas, com foco na Província de Gaza. Por meio de uma pesquisa bibliografia e de campo envolvendo docentes e estudantes de diversas instituições de ensino superior, procura-se identificar as principais questões relacionadas à qualidade da orientação, à disponibilidade de recursos e à interação entre orientadores e orientandos.

1. Metodologia

O estudo adotou uma abordagem qualitativa de natureza descritiva e interpretativa, fundamentando-se em duas estratégias metodológicas: a pesquisa bibliográfica e a realização de entrevistas semiestruturadas, conforme Minayo (1992), Denzin e Giardina, (2017), e Bauer e Gaskell (2017). O objetivo principal foi compreender na íntegra as percepções, experiências e

práticas relacionadas ao processo de orientação de dissertações e monografias em instituições de Ensino Superior em Moçambique. Para tanto, foram conduzidas 400 entrevistas entre os meses de Janeiro a Março de 2024, sendo 60 com docentes e 340 com estudantes, estes últimos pertencentes tanto ao último ano de graduação (licenciatura) quanto aos cursos de mestrado, visto que ambos grupos estavam em fase de elaboração de suas monografias ou dissertações, o que possibilitou captar uma dimensão real e atual do processo de orientação acadêmica. Os participantes foram selecionados intencionalmente em três instituições de Ensino Superior Públicas e três instituições privadas, totalizando seis.

A escolha das instituições teve como critério principal sua relevância institucional e representatividade regional, buscando abarcar uma diversidade significativa de contextos acadêmicos. O critério para seleção dos docentes considerou aqueles com experiência efetiva na orientação de trabalhos acadêmicos nos últimos cinco anos, enquanto aos estudantes incluídos estavam activamente envolvidos na redação de monografias ou dissertações. Apesar da importância do tema para o avanço científico, houve dificuldades em obter dados completos sobre o universo total de estudantes e docentes junto às instituições, o que restringiu o levantamento ao grupo que aceitou participar voluntariamente da pesquisa. Os roteiros de entrevista exploraram dimensões como experiência em pesquisa científica, disponibilidade de recursos materiais e institucionais, incentivo à publicação acadêmica e qualidade da comunicação entre orientadores e orientandos.

Para garantir rigor e profundidade na análise qualitativa, os dados coletados foram organizados e sistematizados com o auxílio do software SPSS, que possibilitou a identificação de padrões e convergências nas percepções dos participantes, facilitando a compreensão da realidade vivenciada nas instituições selecionadas. Ademais, para contextualizar os resultados em um panorama mais amplo, recorreu-se a dados culturais e estruturais disponíveis nos sites Hofstede Insights (2023), relativos às dimensões culturais dos países. Esses elementos permitiram interpretar criticamente os desafios e

potencialidades do ensino superior em Moçambique, especialmente no que tange aos aspectos humanos, institucionais e culturais que moldam a prática da orientação de dissertações e monografias.

2. Ensino Superior em Moçambique

O ensino superior em Moçambique tem testemunhado um crescimento significativo, reflectido no aumento do número de instituições de ensino superior (IES) e no aumento do número de estudantes matriculados. De acordo com dados da Direção Nacional do Ensino Superior, o país conta atualmente com cerca de 53 IES em pleno funcionamento, sendo 22 públicas e 31 privadas (Cerdeira et al., 2023). Este crescimento é um reflexo da crescente busca por oportunidades de educação e desenvolvimento de carreira pela população moçambicana. No entanto, é crucial avaliar se esse crescimento quantitativo está sendo acompanhado por melhorias na qualidade da educação e na preparação dos estudantes para o mercado de trabalho.

Para fundamentar a análise da orientação de Dissertações e Monografias nas universidades moçambicanas, particularmente na Província de Gaza, recorreu-se às duas dimensões culturais propostas por Hofstede (2023): distância ao poder (PDI) e motivação para o sucesso. Essas dimensões oferecem elementos relevantes para compreender as dinâmicas que permeiam o ensino superior.

Por exemplo, a alta pontuação de Moçambique na dimensão de distância de poder (85) reflete uma forte hierarquização social, o que pode se traduzir em uma distância entre orientador e orientando, marcada pela submissão dos últimos. Essa hierarquização manifesta-se na relutância dos estudantes em questionar as orientações dadas pelos orientadores, criando um fosso na comunicação e no feedback, o que prejudica o desenvolvimento acadêmico e, conseqüentemente, compromete a qualidade do ensino.

É nessa perspectiva que Lopes et al. (2020) advoga que, na produção científica, é crucial estabelecer harmoniosamente uma relação entre orientador e orientando, pois, quando os papéis de cada parte são bem definidos, esse processo tende a ser construtivo.

No entanto, é importante reconhecer que, embora uma relação harmoniosa entre orientador e orientando seja geralmente benéfica, existem casos em que uma definição muito rígida dos papéis pode limitar a criatividade e a inovação. Por exemplo, se o orientador impuser suas ideias sem permitir espaço para contribuições criativas do orientando, isso pode resultar em uma produção científica menos original.

Além disso, uma relação excessivamente hierárquica pode criar um ambiente em que o orientando se sinta inibido para expressar preocupações ou discordâncias, comprometendo o processo de pesquisa. Diante disso, torna-se fundamental promover uma comunicação aberta e transparente entre orientador e orientando desde o início da orientação, e isso inclui estabelecer expectativas claras, incentivar a troca de ideias e opiniões, e criar um ambiente em que o orientando se sinta seguro para contribuir de forma ativa.

Ademais, é essencial que o orientador esteja receptivo a novas perspectivas e disposto a adaptar suas abordagens, favorecendo a criatividade e a inovação. Consequentemente, adotar uma abordagem colaborativa e flexível, que valorize a contribuição de ambas as partes, constitui um fator decisivo para a produção científica de alta qualidade e originalidade.

Por sua vez, a baixa pontuação de Moçambique na dimensão de motivação para o sucesso (38) sugere uma sociedade orientada para o consenso, o que pode impactar a motivação e avaliação dos estudantes. Muitos estudantes podem estar mais focados em obter o diploma do que em buscar excelência acadêmica, enquanto alguns docentes podem ceder à pressão de conceder notas sem considerar a meritocracia, minando a qualidade dos diplomas e desencorajando o espírito criativo e competitivo.

3. Desafios na Orientação de Dissertações e Monografias nas Universidades Moçambicanas-Gaza

A orientação de dissertações e monografias nas universidades de Gaza enfrenta uma série de desafios distintos que afectam diretamente a qualidade do processo de orientação e, conseqüentemente, o desenvolvimento do trabalho acadêmico dos estudantes.

Vieira et al. (2022) destacam que a construção do conhecimento sempre ocorreu por meio da interação do ser humano com seu ambiente, especialmente por meio das interações sociais. Nesse contexto, a construção do conhecimento não é um processo isolado, e exige necessariamente a interação entre os sujeitos.

No contexto da província de Gaza, a orientação de dissertações e monografias nas universidades frequentemente apresenta entraves específicos que comprometem essa interação essencial para o processo formativo. Um dos principais desafios está relacionado à falta de recursos e infraestrutura adequados para apoiar o processo de orientação. Em muitos casos, professores orientadores e seus orientandos não têm acesso a bibliotecas bem equipadas, laboratórios atualizados ou tecnologias apropriadas, o que limita significativamente a qualidade da orientação e, por conseguinte, o desenvolvimento do trabalho acadêmico.

Diante desse cenário, é essencial implementar estratégias que contribuam para a superação desses desafios e para a melhoria da qualidade da orientação de dissertações e monografias. Entre essas estratégias, destaca-se o investimento contínuo na capacitação dos professores orientadores, bem como na provisão de recursos e infraestrutura adequados nas universidades. Mas também, cada professor poderia ser incentivado a identificar estudantes talentosos em suas turmas para integrarem suas equipes de pesquisa, promovendo um ambiente acadêmico mais colaborativo e produtivo.

Ademais, recomenda-se a valorização de políticas institucionais que promovam uma distribuição mais equilibrada da carga de trabalho docente, fomentem uma cultura de apoio mútuo entre professores e estudantes, e estimulem a colaboração e o intercâmbio de experiências entre universidades, tanto a nível nacional quanto internacional, com o objetivo de enriquecer o processo de orientação e elevar os padrões de qualidade (Boyce et al., 2019; Meurer et al., 2021).

4. Flexibilidade e Autonomia na Escolha de Orientador e Tema de Pesquisa

Bianchetti (2021) ressalta a importância da flexibilidade e da autonomia nos programas de mestrado e doutorado. Esse modelo, que confere ao candidato liberdade de iniciativa, é fundamental para promover um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e estimulante. Todavia, a realidade vivenciada na maioria das universidades moçambicanas evidencia uma lacuna significativa nesse processo, uma vez que os estudantes, em geral, são designados a orientadores sem que haja uma conexão prévia ou escolha mútua entre as partes.

Nesse contexto, Teixeira et al. (2011) destacam a necessidade de pré-condições adequadas para uma boa orientação, enfatizando que o relacionamento entre professor e aluno deve ser estabelecido com base em negociação e diálogo.

Especificamente, em algumas universidades da província de Gaza, observou-se que os estudantes podem escolher seus temas de pesquisa. Entretanto, a atribuição dos orientadores é realizada pelas direções das faculdades, com base na área temática, sem consultar previamente os orientandos ou os orientadores sobre a viabilidade e o interesse mútuo em desenvolver o trabalho conjunto.

Como consequência desse modelo pouco participativo, verifica-se uma significativa ausência de publicações das monografias e teses defendidas, pois, muitos estudantes realizam esses trabalhos apenas como uma formalidade para a conclusão do curso, o que compromete o reconhecimento do seu potencial contributo para o avanço do conhecimento em suas áreas de formação.

Além disso, essa problemática é agravada pela inexistência de repositórios institucionais eficazes para armazenar e divulgar tais trabalhos, o que limita seu alcance acadêmico, mas também favorece a reprodução de temas e até mesmo de conteúdos em diferentes universidades, sem controlo sistemático.

A esse respeito, os estudos de Carboni e Nogueira (2004) evidenciam que a escolha do tema é um factor determinante para a qualidade do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Portanto, é essencial que o aluno selecione um tema com o qual possua alguma afinidade, a fim de evitar dificuldades decorrentes do desinteresse ou da complexidade conceitual excessiva, as quais podem afectar negativamente aspectos cognitivos, emocionais e psicológicos durante o desenvolvimento da pesquisa.

Complementarmente, Neto e de Carvalho Guimarães (2020) afirmam que o TCC, ao permitir a imersão do estudante no contexto da pesquisa, contribui para a escolha de uma área com a qual ele se identifique. Essa identificação facilita o aprendizado para além da sala de aula, funcionando como um componente essencial da formação académica e profissional.

Destarte, Saviani (2020) enfatiza a importância do diálogo constante entre orientador e orientando como elemento central para a resolução de conflitos que possam emergir durante o processo de orientação académica. Entretanto, aplicar tal abordagem na realidade moçambicana requer atenção a particularidades contextuais. Em Moçambique, assim como em diversos outros países, os conflitos entre orientador e orientando são frequentes, mas nem sempre resolvidos de forma eficaz. Dentre os principais factores que dificultam essa resolução, destacam-se as disparidades hierárquicas, a

comunicação ineficaz e a limitação de recursos institucionais, que comprometem o pleno desenvolvimento da relação orientador-orientando.

5. Afectividade e feedbacks na orientação de dissertações e monografias

Segundo Meurer et al. (2020), as universidades vêm passando por uma importante mudança de paradigma, deixando de ser instituições exclusivamente voltadas para a formação cognitiva, para reconhecerem a relevância da afetividade na prática educativa. Essa tendência global sinaliza a valorização da formação integral do indivíduo, que vai além do desenvolvimento intelectual e inclui também dimensões emocionais e sociais.

No contexto das universidades moçambicanas, essa transição encontra-se em diferentes estágios de implementação. Tradicionalmente, o ensino superior no país sempre foi pautado na transmissão de conhecimento acadêmico, com pouca ênfase no bem-estar emocional dos estudantes. No entanto, observa-se um reconhecimento crescente da importância de incluir a afetividade no processo educativo, como estratégia para promover uma formação mais completa e holística. Essa perspectiva envolve a implementação de iniciativas voltadas ao desenvolvimento de competências socioemocionais, tais como empatia, colaboração e resolução de conflitos, além da criação de ambientes de aprendizagem que valorizem a diversidade, a inclusão e o apoio mútuo entre orientadores e orientandos.

Segundo Soares et al. (2020), a razão de ser dos programas de pós-graduação *stricto sensu* está na formação do pesquisador. O autor afirma que a elaboração de uma dissertação de mestrado ou de uma tese de doutorado representa uma experiência autêntica de pesquisa, sendo o orientador o agente que interliga todos os elementos desse sistema. É por meio do processo de orientação que o estudante, como aprendiz de pesquisador, pode trilhar, com segurança, os caminhos que levam ao domínio da prática científica. Ao final desse percurso, espera-se que o discente adquira autonomia intelectual

suficiente para formular projetos originais e conduzi-los com êxito, tornando-se apto a orientar futuros pesquisadores, primeiro no mestrado, e posteriormente no doutorado.

Nesse sentido, Soares et al. (2020) destacam que o tempo de formação e a experiência dos docentes na área de orientação são fatores decisivos para a qualidade desse processo. Tais elementos ampliam o escopo da formação docente, que não deve se restringir à tradicional tríade ensino-pesquisa-extensão, mas incluir também a orientação como eixo essencial.

Ainda conforme Meurer et al. (2020), existe uma relação direta entre a experiência do orientador e a qualidade das publicações produzidas por seus orientandos. No entanto, nas universidades de Gaza, muitos orientadores não possuem experiência significativa em orientação, nem histórico consistente de publicações científicas, excetuando-se as suas próprias monografias, dissertações e teses. Tal cenário representa um grande desafio para o desenvolvimento de pesquisas de qualidade. A ausência de competência prática por parte dos orientadores compromete a orientação acadêmica, limitando a capacidade dos estudantes de produzir trabalhos relevantes e com impacto científico.

Outrossim, observa-se que a atribuição de orientandos tem sido feita com base apenas nos títulos acadêmicos dos professores, desconsiderando sua experiência real na orientação e sua produção científica na área específica. Essa prática pode perpetuar um ciclo vicioso, no qual orientadores inexperientes conduzem estudantes a desenvolver trabalhos frágeis, que, por sua vez, ao se tornarem orientadores no futuro, reproduzem a mesma precariedade acadêmica.

Diante disso, torna-se imperativo que as universidades moçambicanas invistam na formação e capacitação contínua dos orientadores, oferecendo programas de treinamento em ética da pesquisa, técnicas de orientação e boas práticas de publicação científica. Também, faz-se necessário estabelecer critérios objetivos e rigorosos para a elegibilidade de orientadores,

como, por exemplo, exigir um mínimo de duas publicações revisadas por pares e comprovação de actividade contínua em pesquisa e publicação.

Por outro lado, a dimensão afetiva do processo educativo também merece destaque. O comportamento do professor e a forma como este se relaciona afectivamente com seus estudantes exercem influência direta sobre a motivação e o interesse dos mesmos pelo processo de ensino-aprendizagem. Quando o relacionamento é respeitoso, empático e humanizado, os estudantes tendem a participar mais activamente e, conseqüentemente, assimilam melhor o conteúdo e as práticas propostas (Meurer et al., 2020).

Nesse contexto, o orientador não apenas orienta tecnicamente, mas guia o discente em sua jornada acadêmica. Como afirma Nóbrega (2018), o sucesso ou fracasso do orientando está diretamente relacionado à convivência com o seu orientador, transformando essa relação em uma parceria cuja meta final é a concretização de uma dissertação ou tese de qualidade.

No entanto, essa relação ideal nem sempre se concretiza. No contexto do ensino superior em Gaza, a relação ideal entre orientador e orientando, pautada na colaboração, no diálogo construtivo e no acompanhamento sistemático nem sempre se concretiza. Na prática, observa-se, em muitos casos, uma profunda distorção desse vínculo pedagógico, marcada por atitudes negligentes, comportamentos antiéticos e, em certas ocasiões, abusos preocupantes.

Um dos principais problemas enfrentados é a ausência ou insuficiência de feedback por parte dos orientadores. Muitos docentes raramente acompanham o progresso dos seus orientandos, deixando de fornecer comentários, sugestões ou orientações adequadas. Essa lacuna comunicacional provoca, nos estudantes, sentimentos de desmotivação, insegurança e desinteresse, o que compromete não apenas a qualidade dos trabalhos científicos produzidos, mas também, o desenvolvimento das competências investigativas.

Além disso, há práticas ainda mais graves que comprometem a integridade do processo acadêmico. Em alguns casos, os próprios orientadores elaboram monografias com o objetivo de vendê-las aos estudantes, estabelecendo um verdadeiro comércio acadêmico. Nessa lógica perversa, o estudante, além de não receber a orientação devida, é colocado sob pressão e, muitas vezes, se vê forçado a pagar pelo trabalho para conseguir concluir o curso. Para agravar ainda mais essa realidade, têm-se registado situações de assédio sexual, sobretudo contra estudantes do sexo feminino. Nesses casos, a orientação ou aprovação dos trabalhos é condicionada à aceitação de favores sexuais por parte dos docentes, e tais práticas, além de ilegais, são profundamente imorais e atentam contra a dignidade da pessoa humana, agravando as desigualdades e violências de gênero no meio acadêmico.

Outro aspecto preocupante refere-se ao local em que ocorrem as orientações. Frequentemente, essas não são realizadas nas instalações universitárias, mas sim em locais escolhidos arbitrariamente pelos orientadores, sem qualquer supervisão ou controlo institucional. Essa ausência de regulamentação favorece o surgimento de situações abusivas e dificulta a responsabilização dos infratores.

Como consequência direta desse ambiente viciado, muitos estudantes que se recusam a pagar pelas monografias acabam por recorrer a alternativas igualmente problemáticas. Com frequência, optam por utilizar trabalhos de colegas que já defenderam anteriormente, ou então buscam monografias apresentadas noutras instituições de ensino superior. Embora algumas universidades disponham de repositórios académicos, estes, na prática, têm funcionado apenas como instrumentos formais. Na realidade, são mal geridos ou subutilizados, uma vez que raramente disponibilizam de forma eficaz as dissertações e monografias produzidas, e quando o fazem, o número de trabalhos disponíveis é extremamente reduzido, o que revela uma gestão meramente simbólica desses arquivos digitais.

Esse vazio documental abre espaço para que uma mesma monografia seja utilizada e defendida em mais de uma instituição, sem qualquer tipo de controlo ou verificação de originalidade, e como resultado, banaliza-se o ensino superior e perpetua-se o plágio como prática aceitável entre os estudantes, fragilizando ainda mais a integridade da formação académica.

Essa prática generalizada de reprodução não autorizada de trabalhos compromete seriamente a credibilidade das instituições de ensino superior da província de Gaza. Consequentemente, essas instituições passam a apresentar, em termos quantitativos, um número elevado de graduados cuja legitimidade académica é questionável. Essa falsa meritocracia, sustentada por práticas desonestas e pela ausência de mecanismos de controlo eficazes, não só mina o valor dos diplomas emitidos, como também se reflete directamente na fraca capacidade de produção científica desses graduados. Prova disso é a dificuldade recorrente que muitos enfrentam para publicar artigos em revistas científicas de prestígio, o que expõe a fragilidade da formação recebida e compromete a reputação das universidades onde se formaram.

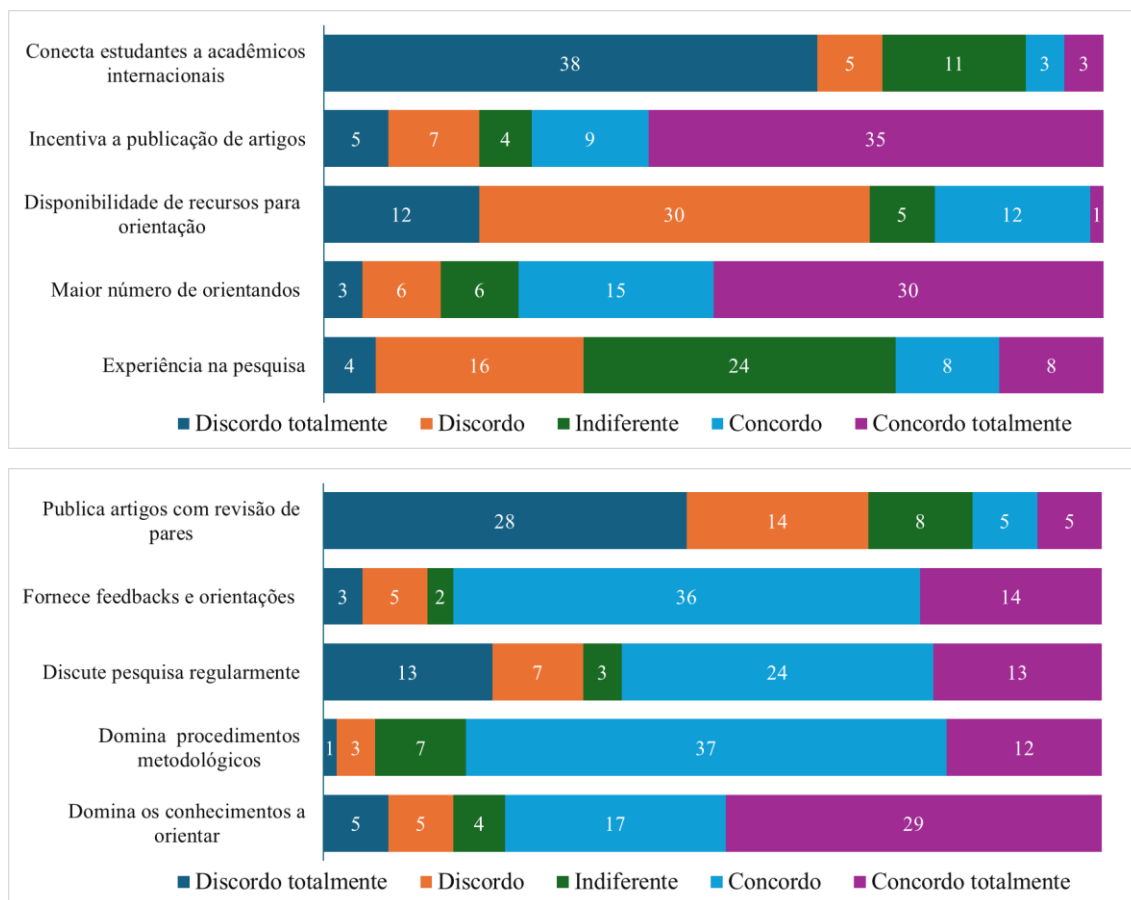
De acordo com Mutumane (2025), a atribuição de uma falsa aparência de meritocracia baseada em afinidades pessoais e outros critérios inexplicáveis minam a confiança nas estruturas institucionais, prejudica o desenvolvimento equitativo e sustentável e promove o sentimento de comodismo entre os beneficiários dessas práticas. Consequentemente, reduz-se o estímulo à busca contínua por conhecimento e à competitividade saudável, elementos essenciais para o fortalecimento da educação superior.

Portanto, é urgente que as instituições de ensino superior moçambicanas adotem políticas firmes e consistentes para combater essas práticas antiéticas, e isso implica a criação de canais de denúncia seguros e acessíveis, na monitorização eficaz dos processos de orientação, na formação contínua dos docentes em ética profissional e na promoção de uma cultura institucional baseada na transparência, na justiça e na excelência académica.

Nesse sentido, o fortalecimento da relação afetiva, profissional e contínua entre orientadores e orientandos deve ser encarado como uma prioridade estratégica, pois, somente por meio de um processo formativo baseado na ética, no respeito mútuo e na responsabilidade compartilhada será possível construir uma academia sólida, transformadora e verdadeiramente comprometida com o desenvolvimento científico e humano de Moçambique.

6. Pesquisa de campo

A pesquisa envolveu a realização de 400 entrevistas em seis instituições de ensino superior sediadas na Província de Gaza, sendo três públicas, e três privadas. Dentre os entrevistados, 60 eram docentes com experiência efectiva na orientação de trabalhos académicos nos últimos cinco anos, enquanto 340 eram estudantes em fase de elaboração de monografias ou dissertações, incluindo tanto estudantes do último ano da graduação (licenciatura) quanto de cursos de mestrado. De referir que todas as entrevistas foram conduzidas entre os meses de Janeiro à Março de 2024, e por razões éticas não foram mencionados os nomes das instituições, conforme ilustram os gráficos abaixo, o primeiro para orientadores e o segundo para orientandos, ambos adaptados a partir do estudo de Vieira et al, (2022).

Gráfico de posicionamento de orientadores

Fonte: Autores, 2024.

No que diz respeito à conexão com acadêmicos internacionais, verificou-se que a maioria dos orientadores, 38 (63,3%), discorda totalmente que conecte os seus estudantes a redes internacionais de pesquisa. Apenas 3 (5%) concordam totalmente com essa afirmação, outros 3 (5%) concordam parcialmente e 11 (18,3%) mostraram-se indiferentes. Esses dados revelam uma fraca inserção internacional das orientações, sugerindo um isolamento acadêmico que pode comprometer a qualidade e amplitude dos trabalhos científicos orientados.

Quanto ao incentivo à publicação de artigos, os resultados mostram uma tendência mais positiva. Trinta e cinco orientadores (58,3%) afirmam concordar totalmente que incentivam os seus estudantes a publicar, enquanto 9 (15%) concordam parcialmente, totalizando 44 (73,3%) com posicionamento

favorável. Em contrapartida, 5 (8,3%) discordam totalmente e 7 (11,6%) discordam parcialmente, revelando que, embora a maioria incentive a publicação, ainda há uma parcela de orientadores que não valorizam suficientemente essa dimensão essencial da formação científica.

A disponibilidade de recursos para a orientação foi apontada como uma das maiores dificuldades. Trinta orientadores (50%) discordam que há recursos suficientes para apoiar a orientação, enquanto 12 (20%) discordam totalmente, somando 42 (70%) com uma percepção negativa. Apenas 12 (20%) concordam, sendo 1 (1,6%) com concordância total e 11 (18,3%) com concordância parcial. Esses dados refletem um claro déficit de apoio logístico, institucional e técnico, o que pode impactar diretamente na qualidade do processo de orientação.

Sobre o número de orientandos atribuídos a cada docente, os dados revelam uma realidade de sobrecarga. Trinta orientadores (50%) concordam totalmente que orientam um número elevado de estudantes, e 15 (25%) concordam parcialmente, totalizando 45 (75%) que reconhecem essa condição. Outros 6 (10%) discordam e 3 (5%) discordam totalmente. Essa elevada carga de orientação pode comprometer o acompanhamento individualizado dos estudantes e a qualidade das dissertações e monografias desenvolvidas.

Em relação à experiência em pesquisa, 24 orientadores (40%) se mostraram indiferentes, o que pode indicar insegurança ou falta de reconhecimento institucional dessa experiência. Por outro lado, 8 (13,3%) concordam e 8 (13,3%) concordam totalmente que possuem experiência em investigação científica. Ainda assim, 16 (26,6%) discordam parcialmente e 4 (6,6%) discordam totalmente. Esses resultados sugerem que há capital humano qualificado, mas pouco aproveitado ou visibilizado nas práticas de orientação.

Nos dados relativos à publicação de artigos com revisão por pares levantam preocupações, 28 orientadores (46,6%) discordam totalmente que publicam com revisão de pares, e 14 (23,3%) discordam parcialmente, o que totaliza 42 (70%) com posicionamento negativo. Apenas 8 (13,3%)

manifestaram concordância, dos quais 5 (8,3%) concordam totalmente e 3 (5%) concordam parcialmente. Esses números demonstram a fragilidade da produção científica validada por pares, o que compromete a qualidade e o impacto das investigações desenvolvidas no meio acadêmico.

Quanto ao fornecimento de feedbacks e orientações aos estudantes, os dados são significativamente positivos. Trinta e seis orientadores (60%) concordam que fornecem feedback regular, enquanto 14 (23,3%) concordam totalmente, somando 50 (83,3%) com uma atitude favorável. Apenas 3 (5%) discordam totalmente, 5 (8,3%) discordam parcialmente e 2 (3,3%) se mostraram indiferentes. Este resultado revela um elevado nível de compromisso por parte dos orientadores em acompanhar o progresso dos seus orientandos.

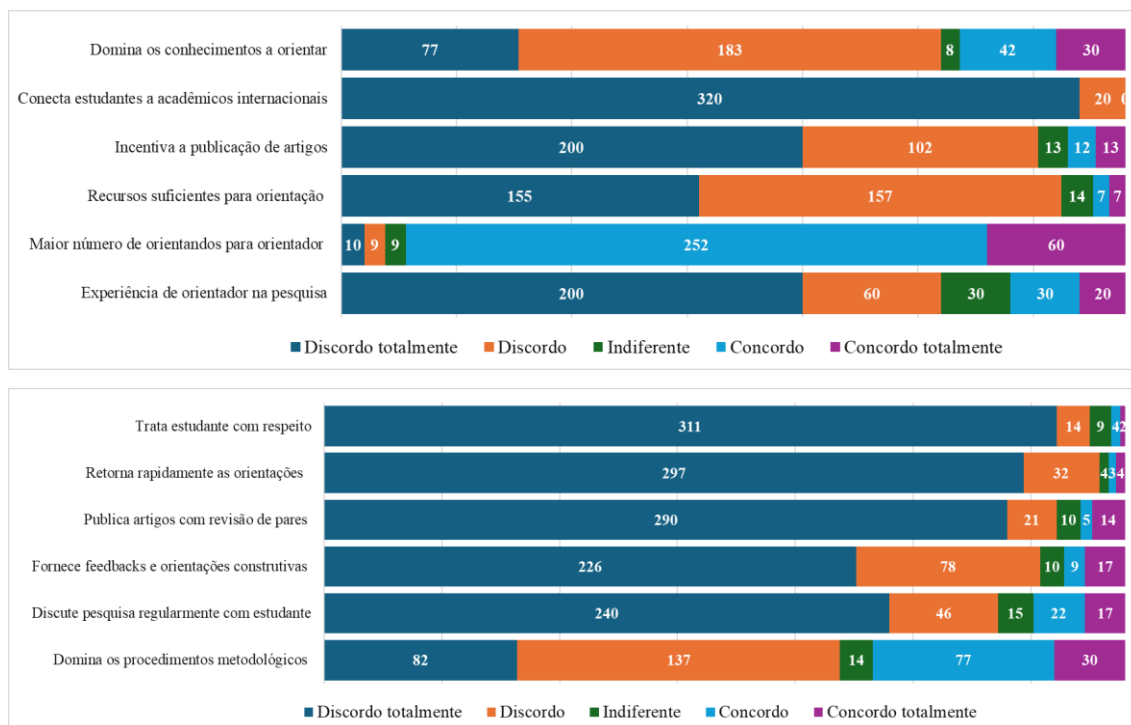
A prática de discutir regularmente os projetos de pesquisa é reconhecida por 24 orientadores (40%) que concordam com essa afirmação, e por 13 (21,6%) que concordam totalmente. Em contraponto, 13 (21,6%) discordam totalmente e 7 (11,6%) discordam parcialmente, totalizando 20 (33,3%) com percepção negativa. Outros 3 (5%) se mantiveram indiferentes. Embora haja uma maioria favorável, a ausência dessa prática em um terço dos casos demonstra a necessidade de institucionalizar momentos regulares de discussão científica.

Em termos de domínio dos procedimentos metodológicos, 37 orientadores (61,6%) concordam que dominam tais aspectos, e 12 (20%) concordam totalmente, somando 49 (81,6%) com avaliação positiva. Apenas 1 (1,6%) discorda totalmente, 3 (5%) discordam parcialmente e 7 (11,6%) são indiferentes. Estes dados apontam para uma sólida formação técnica entre os orientadores.

Por fim, no que se refere ao domínio dos conhecimentos necessários para orientar, 29 orientadores (48,3%) concordam totalmente e 17 (28,3%) concordam parcialmente, totalizando 46 (76,6%) com percepção positiva. Apenas 5 (8,3%) discordam totalmente, 5 (8,3%) discordam parcialmente e 4 (6,6%) são indiferentes. Estes números confirmam que a maioria dos

orientadores possui sólida base de conhecimentos para conduzir adequadamente os processos de orientação.

Gráfico de posicionamento de estudantes



Fonte: Autores, 2024.

Relativamente ao domínio dos conhecimentos necessários para orientar, a maioria dos estudantes expressa insatisfação: 23% (77 estudantes) discordam totalmente e 55% (183) discordam, perfazendo um total de 78% que questionam a competência técnica dos seus orientadores. Apenas 13% (42) concordam e 9% (30) concordam totalmente, enquanto 2% (8) se mantiveram indiferentes.

No que se refere à capacidade dos orientadores de estabelecer conexões com acadêmicos internacionais, a percepção é ainda mais crítica: 91% (320 estudantes) discordam totalmente e 6% (20) discordam, revelando que 97% consideram inexistente essa articulação internacional. Apenas 1% (3) concordam e 1% (2) concordam totalmente, denotando uma grave limitação nesse aspecto.

Sobre o incentivo à publicação de artigos, 57% (200 estudantes) discordam totalmente e 29% (102) discordam, demonstrando que 86% não percebem estímulo à produção científica. Apenas 7% dos estudantes (soma de 3% que concordam e 4% que concordam totalmente) relataram experiências positivas neste campo, enquanto 4% (13) se declararam indiferentes.

Quanto à existência de recursos suficientes para a orientação, a grande maioria dos estudantes 45% (155) discordam totalmente e 46% (157) discordam perfazendo 91% no total, indicam que não há recursos adequados para apoiar eficazmente o processo de orientação. Apenas 4% (7 concordam e 7 concordam totalmente) expressam uma visão positiva, e 4% (14) são indiferentes.

No que diz respeito ao número de orientandos por orientador, os dados apontam uma sobre carga. A maioria dos estudantes, 72% (252) concordam e 17% (60) concordam totalmente totalizando 89%, afirmam que os orientadores acumulam muitos orientandos, o que pode comprometer a qualidade da orientação. Apenas 3% (10) discordam totalmente, 2% (9) discordam e 2% (9) são indiferentes.

No que concerne à experiência do orientador na pesquisa, observa-se que 57% (200) discordam totalmente e 17% (60) discordam, somando 74% de percepções negativas. Apenas 9% (30) concordam e 6% (20) concordam totalmente, enquanto 9% (30) se mantêm indiferentes. Este dado reforça a desconfiança dos estudantes quanto à trajetória científica dos seus orientadores.

No que toca ao tratamento respeitoso por parte do orientador, 89% dos estudantes (311) discordam totalmente, e outros 4% (14) discordam, o que representa um cenário preocupante, com 93% percebendo uma relação marcada por desrespeito. Apenas 12% (42) concordam, 1% (3) concordam totalmente, e 3% (9) se dizem indiferentes.

A morosidade na devolução das orientações também é destacada: 85% (297) discordam totalmente e 9% (32) discordam, totalizando 94% de estudantes que afirmam que os seus orientadores não respondem com

prontidão. Apenas 12% (43) concordam, 1% (4) concordam totalmente e 1% (4) permanecem indiferentes.

Quanto à publicação de artigos com revisão por pares, 83% (290) discordam totalmente e 6% (21) discordam, indicando que 89% não reconhecem essa prática nos seus orientadores. Apenas 1% (5) concordam e 4% (14) concordam totalmente, enquanto 3% (10) se dizem indiferentes.

Em relação ao fornecimento de feedbacks e orientações construtivas, 65% (226) discordam totalmente e 22% (78) discordam, demonstrando que 87% não sentem apoio pedagógico efetivo. Apenas 3% (9) concordam e 5% (17) concordam totalmente, enquanto 3% (10) mantêm-se indiferentes.

No que diz respeito à discussão regular da pesquisa entre orientador e orientando, os dados apontam que 69% (240) discordam totalmente e 13% (46) discordam, o que soma 82% de respostas negativas. Apenas 6% (22) concordam, 5% (17) concordam totalmente e 4% (15) se mostram indiferentes.

Por fim, relativamente ao domínio dos procedimentos metodológicos, 24% (82) discordam totalmente e 39% (137) discordam, totalizando 63% com percepções negativas. Em contrapartida, 22% (77) concordam, 9% (30) concordam totalmente e 4% (14) são indiferentes.

7. Discussão dos Resultados

Os dados revelam contrastes significativos entre a percepção dos orientadores e dos orientandos sobre o processo de orientação acadêmica nas universidades moçambicanas, particularmente na Província de Gaza, e tais diferenças evidenciam lacunas comunicacionais e institucionais, mas também refletem elementos culturais profundamente enraizados, conforme descrito nas dimensões de Hofstede (2023), especialmente no que tange à distância ao poder (PDI) e à motivação para o sucesso.

No que concerne à conexão com redes internacionais de pesquisa, 63,3% dos orientadores afirmam que não promovem esse tipo de articulação, o que por si só já indica uma limitada inserção internacional. Contudo, a

percepção dos orientandos é ainda mais crítica: 97% afirmam não ver nenhuma articulação com redes internacionais por parte de seus orientadores. Essa convergência negativa aponta para um isolamento acadêmico estrutural, que compromete a circulação do conhecimento e a visibilidade científica, reduzindo a possibilidade de parcerias, coautorias e formação internacional, tal como salientado por Soares et al. (2020), que destacam a importância da formação de pesquisadores com visão global e interligada.

Em relação ao incentivo à publicação de artigos, a maioria dos orientadores (73,3%) declara incentivar seus orientandos. Entretanto, essa percepção é totalmente contrastada pelos estudantes, dos quais 86% afirmam não receber tal estímulo. Essa discrepância revela um possível descompasso entre discurso e prática, que pode estar relacionado tanto à falta de estratégias pedagógicas claras quanto a uma cultura acadêmica ainda pouco voltada à produção científica sistemática, como já advertido por Soares et al. (2020), ao defender que a formação do pesquisador exige um ambiente que valorize ativamente a publicação científica como parte do processo formativo.

A respeito dos recursos disponíveis para a orientação, 70% dos orientadores expressam percepções negativas, o que se alinha aos 91% dos estudantes que também consideram inexistente o suporte técnico e logístico necessário. Essa convergência crítica reforça o déficit estrutural enfrentado pelas instituições, o qual compromete a qualidade das orientações e torna o processo excessivamente dependente de esforços individuais, como apontam os estudos de Carboni e Nogueira (2004).

Quando se analisa o número excessivo de orientandos por orientador, os dois grupos apresentam elevada concordância. De um lado, 75% dos orientadores reconhecem essa sobrecarga; de outro, 89% dos estudantes também percebem que seus orientadores estão excessivamente ocupados. Essa situação impacta diretamente na qualidade da orientação e no acompanhamento individualizado dos trabalhos.

No que se refere à experiência dos orientadores em pesquisa, há novamente uma discrepância notável. Embora parte dos orientadores se considere experiente (26,6% de concordância), 74% dos estudantes discordam dessa avaliação, o que pode indicar falta de reconhecimento institucional dessa experiência, ou ainda, falhas na visibilidade e partilha das trajetórias científicas dos docentes. De acordo com Meurer et al. (2020), a presença de experiências anteriores bem-sucedidas em pesquisa deve ser traduzida em práticas pedagógicas eficazes para ganhar legitimidade aos olhos dos estudantes.

A produção científica com revisão por pares revela um dos pontos mais críticos da pesquisa. Enquanto 70% dos orientadores reconhecem que não participam desse tipo de produção, 89% dos estudantes compartilham da mesma percepção. Esse dado evidencia uma grave fragilidade na validação científica das investigações orientadas, o que compromete não apenas a formação dos estudantes, mas também o reconhecimento externo das universidades moçambicanas, como apontam Nóbrega (2018) e Saviani (2018).

Quanto ao fornecimento de feedbacks regulares, 83,3% dos orientadores afirmam fazê-lo, mas apenas 8% dos estudantes percebem esse retorno como satisfatório. Tal disparidade pode indicar problemas na qualidade, clareza ou oportunidade desses feedbacks, ou ainda, uma comunicação ineficiente entre as partes. Lopes et al. (2020) enfatizam que a relação entre orientador e orientando precisa ser bem estruturada e transparente, sendo o feedback um dos seus pilares fundamentais.

Em relação à discussão regular dos projetos de pesquisa, 61,6% dos orientadores declaram promovê-la, mas somente 11% dos estudantes confirmam tal prática. Essa desconexão demonstra que, mesmo quando há intenção por parte do orientador, a periodicidade e a profundidade dessas discussões podem ser insuficientes para atender às expectativas dos orientandos.

Sobre o domínio dos procedimentos metodológicos, há maior convergência: 81,6% dos orientadores e 31% dos estudantes (22% concordam + 9% concordam totalmente) apresentam percepções positivas. No entanto, os 63% de estudantes que discordam indicam que esse domínio pode não estar sendo adequadamente transmitido ou aplicado no processo de orientação, o que reforça a necessidade de metodologias mais participativas e eficazes.

Já no quesito domínio dos conhecimentos necessários para orientar, 76,6% dos orientadores afirmam possuir esse domínio, ao passo que 78% dos estudantes discordam completamente dessa avaliação. Esse dado demonstra uma ruptura crítica na relação de confiança pedagógica, essencial ao processo formativo, conforme afirma Nóbrega (2018), para quem a convivência orientador-orientando deve ser pautada por respeito, cooperação e segurança mútua.

Outro aspecto preocupante revelado pela pesquisa refere-se ao tratamento respeitoso. Enquanto esse item não aparece como negativo nas respostas dos orientadores, 93% dos estudantes afirmam sofrer algum grau de desrespeito. Essa discrepância pode ser compreendida à luz da dimensão cultural de distância ao poder, proposta por Hofstede (2024), que indica uma hierarquia excessiva e, muitas vezes, autoritária nas relações acadêmicas moçambicanas. Como Mutumane (2025) alerta, práticas orientadas por afinidades pessoais e autoritarismo disfarçado de meritocracia prejudicam a equidade e a confiança nas estruturas institucionais.

Adicionalmente, a morosidade na devolução das orientações foi destacada por 94% dos estudantes, apesar dos orientadores considerarem que fornecem feedback regular. Essa disparidade sinaliza falta de compromisso com os prazos e ausência de planejamento nas rotinas de orientação, o que prejudica o progresso acadêmico dos estudantes.

Conclusão

O estudo realizado nas universidades da Província de Gaza, em Moçambique, revelou desafios estruturais e relacionais significativos no processo de orientação de dissertações e monografias. Tanto orientadores quanto orientandos expressaram percepções divergentes sobre esse processo, evidenciando falhas de comunicação, fragilidades institucionais e uma cultura acadêmica marcada por relações hierárquicas pouco dialógicas, que dificultam a construção de vínculos pedagógicos produtivos.

Entre os principais problemas identificados estão a limitada inserção internacional dos orientadores e seus orientandos, o incentivo insuficiente à publicação científica, a escassez de recursos técnicos e logísticos, a sobrecarga de trabalho dos docentes, a ausência de feedbacks regulares e eficazes e o fraco domínio, percebido pelos estudantes, dos conteúdos e procedimentos metodológicos necessários à condução dos trabalhos científicos. Adicionalmente, foram relatadas práticas desrespeitosas e autoritárias no relacionamento orientador-orientando, fator que compromete não apenas o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, mas também sua formação ética e humana.

Observou-se ainda que a maioria dos estudantes não participa activamente da escolha dos temas de pesquisa nem da seleção dos seus orientadores, uma prática institucional que mina sua autonomia, reduz o engajamento e compromete a originalidade e a relevância dos projetos acadêmicos. Essa imposição enfraquece o processo formativo ao desconectar os interesses individuais dos estudantes dos objetivos científicos e pedagógicos dos trabalhos desenvolvidos.

Diante desse cenário, torna-se imperativo rever as políticas institucionais de orientação, assegurando aos estudantes o direito de escolher seus temas de pesquisa e orientadores com base em afinidades acadêmicas e profissionais. Além disso, recomenda-se o estabelecimento de critérios mínimos para a qualificação dos orientadores, e sugere-se que para

enriquecer a qualidade da orientação, um orientador de monografia tenha, no mínimo, duas publicações de relevo na área, e para orientadores de dissertações, um mínimo de cinco publicações de relevo, isso poderá garantir que os orientadores estejam atualizados e ativamente envolvidos em suas respectivas áreas, proporcionando uma orientação mais eficaz e relevante para os estudantes.

É igualmente essencial promover a ética acadêmica e a integridade científica, por meio de formação contínua para orientadores e estudantes, políticas claras de avaliação e acompanhamento do progresso acadêmico, e mecanismos eficazes de responsabilização.

Nesse sentido, propõe-se também a criação de canais confidenciais para denúncias de má conduta, com a devida aplicação de sanções rigorosas, tanto para orientadores quanto para orientandos, sempre que se comprovarem desvios éticos ou acadêmicos. Paralelamente, é fundamental fortalecer a supervisão institucional, investindo em sistemas de monitoramento e avaliação permanentes da qualidade das orientações e do desempenho acadêmico dos estudantes.

Do mesmo modo, os repositórios institucionais devem ser um dos critérios importantes para a qualificação do ensino superior, pois, fornecem uma plataforma para a disseminação e preservação da produção acadêmica e científica da instituição. Além disso, impediriam que as mesmas dissertações e monografias sejam apresentadas ou defendidas em várias Universidades.

Em síntese, os resultados deste estudo apontam para a necessidade urgente de uma reforma estrutural e cultural nas práticas de orientação acadêmica nas universidades moçambicanas, e a reforma deve estar alicerçada em princípios de ética, qualidade, equidade e diálogo, visando a construção de um ambiente formativo mais justo, participativo e comprometido com a excelência científica.

*** António Ernesto Mutumane** é Licenciado em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal), com Pós-Graduação em Estudos Africanos pela Universidade do Porto (Portugal). Mestrando em Administração Pública pela Universidade Save (Moçambique).

Contato: antoniomutumane51@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2649-7990>

**** Alfeu Paulo Bila** é Mestrando em Administração Pública pela Universidade Save (Moçambique). Licenciado em Ensino de Português pela Universidade Pedagógica-Extinta Delegação de Gaza (Moçambique).

Contato: alfeupaulo2@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1560-6089>

Artigo recebido em: 11/09/2024

Aprovado em: 14/06/2025

Como citar este texto: MUTUMANE, António Ernesto; BILA, Alfeu Paulo Bila. Desafios e perspectivas na orientação de dissertações e monografias nas universidades moçambicanas: um estudo na província de Gaza. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 11, nº 01, e1127601, 2025.

Referências Bibliográficas

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BIANCHETTI, Lucídio. A orientação coletiva na pós-graduação stricto sensu: o pioneirismo de Dermeval Saviani. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260055, 2021.

CARBONI, Rosadélia Malheiros; DE OLIVEIRA NOGUEIRA, Valnice. Facilidades e dificuldades na elaboração de trabalhos de conclusão de curso. **ConScientiae Saúde**, v. 3, p. 65-72, 2004.

CERDEIRA, Luísa et al. Impactos da covid-19 no ensino superior lusófono: os casos de Angola, Moçambique e Portugal no período de 2020 a 2022. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 12, p. 26236-26262, 2023.

DENZIN, Norman K.; GIARDINA, Michael D. (Ed.). **Qualitative inquiry in neoliberal times**. New York: Routledge, 2017.

HOFSTEDE, Geert. **Hofstede insights: Country comparison tool**. Aufgerufen unter: <https://www.hofstede-insights.com/country-comparison-tool>, 2023.

LOPES, Eli Fernanda Brandão et al. A relação entre orientador e orientando no processo de produção científica. **Brazilian Journal of development**, v. 6, n. 1, p. 3854-3868, 2020.

MEURER, Alison Martins et al. Sentimentos percebidos pelos orientandos nas fases de orientação das dissertações em contabilidade. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 32, p. 158-173, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1992.

MOÇAMBIQUE. Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano. **Plano Estratégico de Educação (2020-2029): por uma educação, inclusiva, patriótica e de qualidade**. Maputo, 2020

MUTUMANE, Antonio Ernesto. Análise do papel dos intervenientes da segurança rodoviária na prevenção dos acidentes de trânsito na cidade de Xai-Xai. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, v. 1, n. 7, p. 190-206, 2025.

NETO, Abílio Azevedo Silva; DE CARVALHO GUIMARÃES, Jairo. Elaboração do TCC. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 4, n. 1, 2020.

NÓBREGA, Maria Helena da. Orientandos e orientadores no século XXI: Desafios da pós-graduação. **Educação & Realidade**, v. 43, n. 3, p. 1055-1076, 2018.

SAVIANI, Dermeval. A universidade é um lugar de todos e para todos? **Cenas Educacionais**, v. 3, p. e8365-e8365, 2020.

SOARES, Priscila Goncalves et al. Linha de pesquisa “História e Memória do Lazer” do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG: produção e análise. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 687-708, 2020.

SCARPA, Daniela Lopes; CAMPOS, Natália Ferreira. Potencialidades do ensino de Biologia por Investigação. **Estudos avançados**, v. 32, n. 94, p. 25-41, 2018.

VIEIRA, Kelmara Mendes et al. Autoavaliação discente: avaliando a relação orientador-orientando e a satisfação com o curso. **Revista Pretexto**, v. 23, n. 3, 2022.

Legislação

Lei n.º 1/2023 de 17 de Março. Estabelece o regime jurídico do Subsistema do Ensino Superior. Publicado na I Série do Boletim da Republica número 53. De 17 de Março. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique. 2023